

TRUKÁ Fogo colocará em risco fornecimento de energia elétrica para povoados do Sertão baiano

# Índios ameaçam incendiar fiação elétrica até o meio-dia de hoje

**C**ABROBÓ — Os índios truká prepararam ontem uma fogueira em torno da torre de transmissão que fornece energia elétrica para o projeto de reassentamento Pedra Branca, em Curaçá (BA), dispostos a cumprir a ameaça, feita ontem de derrubá-la caso a Funai não atenda as suas reivindicações. Os truká já estão com tudo preparado, e se até o meio-dia de hoje o presidente do órgão, Márcio Lacerda, não apresentar nenhuma proposta favorável à tribo eles ateam fogo nos galhos. As consequências deste ato seriam a interrupção do fornecimento de energia para o Projeto Pedra Branca e dos povoados baianos de Riacho Seco, Icozeira, Pedra Branca de Baixo e o distrito de Ibó. Os índios também mantêm como reféns, há quatro dias, os agrônomos Alexandre Didier e Marcos Florentino.

O gerente do escritório regional da Companhia de Eletricidade da Bahia (Coelba), em Juazeiro (BA), Júlio César Santana, disse que se os índios chegarem a derrubar a torre vão causar prejuízos incalculáveis. "Além de comprometer todo o projeto agrícola também vão privar centenas de famílias dos povoados vizinhos de terem energia elétrica em suas casas", diz adiantando que para repor o sistema de fornecimento seriam

necessários pelo menos uns 20 dias. Em Pernambuco, segundo o superintendente da Celpe das regiões Mata, Agreste e Sertão, Francisco Belo, nenhum município seria atingido, mas provocaria transtornos administrativos.

Os truká promovem todas estas ações para pressionar a Funai a dar continuidade no levantamento fundiário da Ilha de Assunção, onde fica localizada a aldeia. Eles também querem que o órgão agilize a expulsão de 37 posseiros que vivem espalhados pelas ilhotas do arquipélago, onde há 20 dias a Polícia Federal queimou mais de 20 mil pés de maconha. O cacique Ailson dos Santos disse que a estratégia de manter os engenheiros como reféns, foi a única forma encontrada para pressionar, de uma vez por todas, a Funai, "que há décadas não corresponde com sua verdadeira função de proteger os indígenas", frisou.

Os reféns, segundo o líder, não estão em cativeiro. "Alexandre Didier está em armazém onde estocamos alimentos, enquanto Marcos Florentino se encontra numa área mais afastada sem manter contato com outras pessoas fora da tribo", revela. O cacique explica que os dois foram separados porque alguns policiais ameaçaram estourar um suposto cativeiro.